



A APÓSTOLA MARIA MADALENA: O PRIMADO DA ESCUTA E DO AMOR

Ademilson Tadeu Quirino*
José Geraldo de Gouveia**

RESUMO

Este artigo aborda a missão da apóstola Maria de Magdala. Além dos 12 apóstolos, muitas outras pessoas foram enviadas para a missão. Paulo e Barnabé, por exemplo, foram enviados aos gentios. Algumas mulheres também foram enviadas, logo, apóstolas. Dentre elas, Maria (a mãe de Jesus), Priscila, Febe, Trifena, Trifosa, Pérside, Júnia e tantas outras. Contudo, o objetivo deste trabalho é mostrar que Maria Madalena recebeu uma missão singular. Percebe-se nos evangelhos que o ministério dela foi despertar os 12 da letargia causada pela morte de Jesus. Maria Madalena foi a primeira a escutar Jesus ressurreto, recebendo d'Ele a primazia do anúncio e do amor. A metodologia usada nesta pesquisa é a leitura sociológica ou conflitual com um olhar pastoral.

Palavras-chave: Apóstola; Escuta; Missão; Amor; Primazia.

THE APOSTLE MARY MAGDALENE: THE PRIMACY OF LISTENING AND LOVE

ABSTRACT

This article deals with the mission of the apostle Mary of Magdala. Besides the twelve apostles many other people were sent on mis-

* Doutor em teologia, pela PUC-Rio, (2022). Bacharel em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - MG (2006). Professor no Seminário São José - Instituto de Teologia, Mariana-MG; no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, Caratinga-MG e no Seminário Propedêutico São José.

** Doutorando em Ciências da Religião (PUC Goiás). Bacharel em Filosofia (SDNSR, 1993), e em Teologia (SDNSR, 1997). Atua como professor no Seminário Propedêutico São José, em Ubaporanga; professor no Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, em Caratinga; professor no Instituto Teológico Dom Hermínio Malzone Hugo, em Governador Valadares.



sion. Paul and Barnabas, for example, were sent to the Gentiles. Also some women were sent, therefore apostles. Among them, Mary (the mother of Jesus), Priscilla, Phoebe, Tryphena, Tryphosa, Persis, Junia and many others. However, the objective of this work is to show that Mary Magdalene received a singular mission. It is perceived in the gospels that her ministry was to awaken the twelve from the lethargy caused by the death of Jesus. Mary Magdalene was the first to listen to the risen Jesus, receiving from Him the primacy of proclamation and love. The methodology used in this research is a sociological or conflictual reading with a pastoral perspective.

Keywords: Apostle; Listening; Mission; Love; Primacy.

EL APÓSTOL MARÍA MAGDALENA: LA PRIMACÍA DE LA ESCUCHA Y DEL AMOR

RESUMEN

Este artículo trata de la misión de la apóstol María de Magdala. Además de los doce apóstoles, muchas otras personas fueron enviadas en misión. Pablo y Bernabé, por ejemplo, fueron enviados a los gentiles. También fueron enviadas algunas mujeres, por lo tanto apóstoles. Entre ellas, María (la madre de Jesús), Priscila, Febe, Trifena, Trifosa, Persis, Junia y muchas otras. Sin embargo, el objetivo de este trabajo es demostrar que María Magdalena recibió una misión singular. Se percibe en los evangelios que su ministerio era despertar a los doce del letargo causado por la muerte de Jesús. María Magdalena fue la primera en escuchar a Jesús resucitado, recibiendo de Él la primacía del anuncio y del amor. La metodología utilizada en esta investigación es una lectura sociológica o conflictiva con una perspectiva pastoral.

Palabras clave: Apóstol; Escucha; La misión; El amor; La primacía.

INTRODUÇÃO

As religiões têm inspirações divinas, mas o desenrolar dos fatos acontecem dentro de um contexto histórico, humano. Esse contexto histórico, social, comporta toda a estrutura própria de seres humanos, com os anseios, organizações e limites inerentes à própria condição humana. No caso específico do cristianismo, um fato limitou bastante a riqueza proposta por Jesus: o ambiente patriarcal presente no judaísmo e perpetuado no cristianismo, sobretudo, com a institucionalização da religião cristã. O peso da instituição desvirtuou a proposta do cristianis-



mo originário. Um exemplo desse desvirtuamento cristão, em relação ao cristianismo primitivo, foi a desapropriação das mulheres daquilo que lhes era comum nas comunidades primitivas, isto é, o desempenho apostólico em pé de igualdade com os homens. Dentre essas mulheres apóstolas, uma será o objeto de investigação deste artigo: Maria Madalena.

Maria de Magdala foi a primeira pessoa que viu Jesus ressurreto e dele recebeu a missão de anunciar essa boa nova. Entretanto, essa apóstola (enviada pelo próprio Jesus), foi violentada por articulações de poder em um contexto patriarcal. É urgente o resgate do protagonismo feminino no cristianismo originário, especialmente no que diz respeito à Maria Madalena, cujo nome foi silenciado, ora por ignorância, ora por conveniência machista. Entretanto, graças ao esforço sério de muitas pesquisadoras e pesquisadores, como será exposto, a apóstola dos apóstolos está ocupando o merecido espaço na história cristã.

A PALAVRA “APÓSTOLO” NO AMBIENTE CRISTÃO ORIGINÁRIO

Dentro da dinâmica da comunicação, muitas palavras, com o passar do tempo, sofrem alterações em relação ao sentido originário. Dentre essas palavras, o presente artigo quer destacar o termo *apóstolo*. No ambiente cristão originário esse vocábulo foi empregado para descrever uma pessoa enviada em determinada missão. Apóstolo origina-se da palavra grega *ἀπόστολος* (*apostolos*) que significa, de fato, “enviado” e é usada 80 vezes no Novo Testamento (Jan-Adolf BÜHNER, 2004, p. 379-380). Mateus utiliza a palavra apóstolo apenas uma vez; Marcos a emprega duas vezes; Lucas a usa seis vezes e João não faz uso do termo. Em compensação, o livro de Atos e as epístolas paulinas empregam o vocábulo “apóstolo” 71 vezes (Jacques MERCIER, 2013, p. 150). *Apostolos* está ligado também ao verbo *apostellein* “enviar”, e,

Em grande parte, os casos nos quais o verbo é usado no grego clássico se referem a um navio ou uma frota, de carga ou de guerra. O adjetivo é usado para designar um embaixador ou um legado mensageiro, mas somente em casos raros. Nesse sentido, o Novo Testamento só o usa por duas vezes (Jo 13,16; Fl 2,25). Transferido para o sentido religioso, um uso semelhante parece implícito em 2Co 8,23, onde os apóstolos mencionados não são apóstolos no sentido técnico do termo, mas sim missionários ou mensageiros enviados por



igrejas determinadas [...]. O próprio Jesus é chamado de apóstolo (Hb 3,1) – este é o único caso de uso do termo em toda a epístola – enquanto enviado de Deus (John L. MCKENZIE, 1984, p. 62).

Além de ser usado no grego clássico, o verbo *apostellein* recorre na tradução dos LXX mais de 700 vezes. Normalmente, *apostellein* é usado na Septuaginta para traduzir a raiz *šlh*, que é um termo técnico para expressar o envio de um mensageiro. É oportuno observar, ainda, que os LXX empregam *apostellein* quando a tarefa relacionada com o envio é enfatizada em cooperação com aquele que envia. O enviado não é o importante. (Karl Heinrich RENGSTORF, 1965, p. 1069-1071). Isso significa que a missão é o importante, o apóstolo, o mensageiro é um instrumento. O apóstolo é, portanto, “alguém enviado como mensageiro ou agente, encarregado de uma incumbência ou missão” (William D. MOUNCE, 2013, p. 113).

No ambiente cristão originário, “Em contraste marcante com o Gr. clássico, *apostolos* é empregado no NT apenas no sentido geral de mensageiro, e particularmente como a designação fixa de um ofício específico, o apostolado primitivo” (Dietrich MÜLLER, 2000, p. 156). Essas informações são importantes, pois esclarecem em que sentido era empregada a palavra “apóstolo” no cristianismo primitivo. Como visto, o termo não tinha o peso institucional que acabou adquirindo com o passar do tempo.

Com esses dados históricos e estatísticos, já é possível perceber que a palavra “apóstolo”, nas origens do cristianismo, foi usada muito mais no contexto missionário. Se por um lado, em Mt 10,2 e em Lc 6,13 os redatores apresentam uma lista estabelecida por Jesus, nomeando 12 apóstolos, por outro, o termo “apóstolo” ganha uma dimensão mais ampla na teologia paulina. Paulo tem consciência clara do próprio apostolado, tanto que nas introduções das cartas faz questão de mencionar que é apóstolo “por vocação” (Rm 1,1), “não da parte dos homens” (Gl 1,1), mas por chamado (1Co 1,1) ou pela vontade de Deus (2Co 1,1; Ef 1,1; Cl 1,1; 2Tm 1,1)” (Jacques MERCIER, 2013, p. 151). Além de Paulo que, claramente, extrapola o número dos 12,



Há instâncias no NT onde, *prima facie*, parece que o título foi dado a outros além dos doze. Tiago, irmão do Senhor, aparece como tal em Gl 1, 19; 2,9, e, embora não tivesse sido discípulo (cf. Jo 7,5), recebeu uma aparição do ressuscitado só para si (1Co 15,7). Barnabé é chamado de apóstolo em At 14,4.14, e é introduzido por Paulo num argumento que nega qualquer diferença qualitativa entre seu próprio apostolado e o dos doze (1Co 9,1-6). Os desconhecidos Andrônico e Júnias¹ **são com toda a probabilidade chamados apóstolos em Rm 16,7, e Paulo, sempre cuidando do emprego dos pronomes pessoais, pode ter assim chamado a Silas, em 1Ts 2,6** (A. F. WALLS, 2007, p. 68).

Diante do exposto, fica evidente que a palavra “apóstolo”, no cristianismo originário, não era um título ou um privilégio, mas um serviço missionário. Se o próprio Cristo Jesus, enviado (apóstolo) do Pai (Hb 3,1), jamais quis títulos ou privilégios, antes veio para servir e dar a vida (Mt 20,28), logo não poderia ser diferente com os seus discípulos e discípulas, enviados e enviadas; apóstolos e apóstolas. É mister, portanto, resgatar o significado do termo apóstolo enquanto pessoa enviada em missão. Nesse sentido, este artigo quer destacar, entre as várias mulheres apóstolas (enviadas em missão apostólica), Maria Madalena, enviada pelo próprio Cristo ressurreto, na missão mais importante de todas: confirmar que Jesus venceu a morte.

MARIA MADALENA, APÓSTOLA DA ESCUTA E DO AMOR

Não é tarefa simples descrever a apóstola Maria Madalena como “uma figura” dentro do cristianismo originário. Até porque, desde o início, o cristianismo não foi um movimento uniforme. Existiam grupos diversos.

Isto tem a ver com as diversas e diferentes vertentes cristãs nos primeiros séculos, que conclamam a repensarmos a concepção de cristianismo de forma plural e mais fluida. Entendo que desde as origens havia a diversidade, que foi sobrevivendo nos jogos e relações de institucionalização da Igreja (Ivoni Richter REIMER, 2016, p. 36).

¹ O objetivo dessa citação é evidenciar que no Novo Testamento, além dos 12, outras pessoas também foram chamadas de apóstolas. Contudo, na própria citação tem um exemplo do silenciamento imposto às mulheres. Em Rm 16,7 o nome da apóstola em questão, em grego é *Iounian*. Entretanto, esse é provavelmente o nome da esposa de Andrônico, conforme algumas versões que traduzem *Iounian* por Júnias (A. F. WALLS, 2007, p. 53).



Não obstante o pluralismo presente no cristianismo originário, **é interessante observar que a informação mais importante** contida nos evangelhos (a ressurreição de Jesus) coloca Maria Madalena como figura central. Mesmo com narrativas distintas, os quatro evangelistas apresentam Maria de Magdala como protagonista (Mt 28,1-9; Mc 16,1-9; Lc 24, 9-10; Jo 20,11-18). O evangelho de Marcos, por exemplo, expõe a seguinte informação sobre a ressurreição de Jesus: “Ora, tendo ressuscitado na madrugada do primeiro dia da semana, ele apareceu primeiro a Maria Madalena” (Mc 16,9). Mas é o evangelho de João que deixa claro o encontro do ressurreto com Maria Madalena, o diálogo entre os dois e a missão que lhe é confiada. É Jesus que a envia.

Disse-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: “Rabbuni!”, que quer dizer “Mestre”. Jesus lhe diz: “Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor”, e as coisas que ele lhe disse (Jo 20, 16-17).

O texto tem uma fala direta de Jesus com Maria Madalena. Ele a envia dizendo: “Vai”. Em grego, o verbo em questão é *poreuomai*, o qual exprime uma missão ou envio com um determinado encargo, seja da parte de Deus ou de Jesus (Walter RADL, 2004, p. 1061). No presente caso, é um verbo imperativo médio na segunda pessoa do singular (Gianfranco NOLLI, 1986, p. 726), portanto, uma ordem direta. Maria Madalena é enviada, logo, apóstola, já que a palavra “apóstolo” em si não se refere a um título, mas expressa o envio ou uma missão. **É oportuno salientar que essa missão apostólica confiada a Maria de Magdala acontece a partir do momento que ela escuta o Mestre.** Ao ouvir a voz do Senhor, ela exclama: “Rabbuni!”. Pode-se considerar que o reconhecimento do ressurreto se dá a partir do ouvido, da escuta. É o *shemá* Israel sendo colocado em prática. Quem ouve no sentido bíblico do *shemá*, acolhe, compreende, obedece. “O *shemá*, é, pois, a expressão da presença do Deus que fala, e sua Palavra desperta a consciência de quem escuta” (Ademilson QUIRINO, 2022, p. 72). Ao escutar a voz de Jesus, Maria Madalena foi despertada para uma nova realidade: a vida



venceu a morte! E assim, a missão que é confiada a Maria Madalena se tornou **o anúncio central da fé cristã, a ressurreição de Jesus. Não existe nenhuma declaração maior do que essa** para o cristianismo. O apóstolo Paulo fez a seguinte afirmação a esse respeito: “E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé” (1Co 15,14). De fato,

A ressurreição de Cristo foi o fundamento da origem do cristianismo. Ela é unidade e sentido teológico da origem histórica do cristianismo. Nos textos canônicos, as reflexões teológicas sobre a ressurreição são feitas a partir de experiência vivida. A mensagem da ressurreição de Cristo dos evangelhos está presente em todas as tradições. No evangelho de Marcos a corporeidade do ressuscitado é representada pelo sepulcro vazio. Em Mateus e João, Jesus aparece primeiro a Maria Madalena, e à outra Maria (Ana dos SANTOS, 2007, p. 2).

Em outras palavras, a apóstola Maria Madalena foi incumbida de fazer o maior de todos os anúncios, foi a primeira a ouvir o ressurto e a testemunhar que Cristo venceu a morte. Não sem razão, Maria Madalena, na história do cristianismo, é reverenciada e foi chamada de *apostola apostolorum* (apóstola dos apóstolos) por Hipólito, bispo de Roma (século III) (Francisca Rosa da SILVA, 2008, p. 83). Contudo, “(n) a história do cristianismo, Maria Madalena será apresentada de forma completamente arbitrária em relação aos textos evangélicos. Isso ocorre devido principalmente a tentativas de aproximação de personagens correlatas, mas totalmente diferentes” (Gilvan ARAÚJO, 2019, p. 85).

Realmente, a história de Maria Madalena foi apresentada de tal modo que a imagem dela não “corresponde ao que os evangelhos nos informam acerca de Maria apóstola, originária da cidade de Magdala (à beira do lago da Galileia) e que se projeta com liderança no grupo apostólico” (Eduardo HOORNAERT, 2014, p. 51). Essa deturpação da imagem de Maria Madalena, em parte, deve-se às transformações ocorridas dentro do próprio cristianismo, pois

O cristianismo primitivo começou com um “discipulado de iguais” e terminou com a subordinação das mulheres. E um dos motivos desta mudança de status da mulher foi à transição do cristianismo



de movimento oral para movimento dependente da autoridade de textos escritos. Com o movimento oral as mulheres e as outras pessoas marginalizadas participavam como líderes. O movimento era fundado na autoridade oral, e dentro de uma cultura oral. Mas a partir do século II, a confiança passou para os textos e se tornou um cânon fixo, o NT. Nesse processo de escrever e de autorizar textos, as vozes e as histórias femininas foram omitidas e marginalizadas. Essa mudança resultou na perda das histórias femininas e na distorção e minimização das tradições de mulheres que sobreviveram ao texto escrito (Ana dos SANTOS, 2007, p. 6-7).

Além dessas transformações que ocorreram dentro do cristianismo, no caso específico de Maria de Madalena, a apóstola teve a imagem distorcida, sobretudo, a partir de um sermão feito pelo papa Gregório Magno (século VI), justamente na festa que deveria ser uma homenagem para Maria de Magdala. O fato é que o papa Gregório Magno faz uma grande confusão com “diversos episódios dos evangelhos protagonizados por mulheres, mistura tudo e reduz diversos personagens a um só. O papa cria a imagem de Maria Madalena, a pecadora arrependida” (Eduardo HOORNAERT, 2014, p. 51-52). Nada mais longe da verdade contida nos evangelhos. Contudo, essa imagem equivocada de Maria Madalena acabou prevalecendo.

Mas as informações que podem ser lidas nos evangelhos apresentam Maria Madalena como mulher corajosa, discípula e apóstola. “Nenhum texto sagrado apresenta Maria Madalena como prostituta ou pecadora” (Ivoni REIMER, 2016, p. 37). No evangelho de Lucas, por exemplo, a informação é que Maria Madalena fazia parte de um grupo de mulheres que, juntamente com os 12, acompanhavam Jesus (Lc 8,1-2). Lucas informa também que o anúncio da ressurreição foi feito exatamente por mulheres, dentre elas, Maria Madalena (Lc 24, 9-10). Mateus e Marcos afirmam que no momento da crucificação de Jesus as mulheres estavam presentes, e Maria Madalena era uma delas (Mt 27, 55-56; Mc 15,40). Esses dois evangelistas declaram também que foram essas mulheres as primeiras anunciadoras da ressurreição.

Outra informação digna de nota que se encontra em Lucas é que as mulheres que seguiam Jesus ajudavam-no também com os bens (Lc 8,3). “Quando imaginamos essas mulheres possuindo recursos próprios,



pressupomos independência e maturidade” (Ana dos SANTOS, 2007, p. 7). O fato de um grupo de mulheres seguirem Jesus da Galileia até Jerusalém (Mc 15,40-41) no ambiente sociocultural do século I d.C. supõe efetivamente independência e maturidade. De modo que a presença feminina no cristianismo originário é uma presença de protagonismo e não de meras expectadoras.

A releitura atenta dos Evangelhos, Atos dos Apóstolos e das Epístolas torna evidente que as mulheres estiveram presentes e atuantes nos primórdios da história cristã. Foram protagonistas no movimento de Jesus, bem como lideraram o surgimento e a consolidação de comunidades cristãs em diferentes locais. Esses registros se mantiveram na literatura neotestamentária. Ou seja, o processo de canonização dos textos não eliminou esse protagonismo, embora as interpretações ao longo da história do Cristianismo tenham valorizado pouco essa presença e atuação de mulheres (Claudir BURMANN, 2017, p. 67).

O protagonismo das mulheres nas comunidades cristãs originárias pode ser confirmado nos primeiros escritos do Novo Testamento. Paulo foi o primeiro escritor neotestamentário, e ele deixa clara a participação efetiva e decisiva das mulheres nas comunidades. Mesmo que Paulo tenha passado por uma conversão, o fato é que ele,

Ao se deparar com o conteúdo do Hino Batismal, converteu-se e assumiu o projeto. Nessa sua mudança, inclusive, decidiu levar a sério a pastoral conduzida pelas mulheres: Priscila, Cloé, Ápia, Júlia, a irmã de Nereu, Olimpás, Júnia, Lídia, Maria, Trifena, Trifosa, Pérside, Evódia, Síntique, Febe, a mãe de Rufo e outras citadas em Atos dos Apóstolos (Joel Antônio FERREIRA, 2021, p. 66).

É inegável, portanto, a participação das mulheres como protagonistas nas comunidades cristãs originárias. Contudo, desde cedo, já acontecia uma “concorrência apostólica” que silenciava as mulheres, especialmente em relação à Maria de Magdala. Essa concorrência não aconteceu só entre Pedro e Maria Madalena, “mas também entre Maria Madalena e Paulo, que se autodenomina apóstolo, mas silencia em relação ao apostolado de Maria Madalena, de Joana, Maria de Tiago...” (Ivoni REIMER, 2013, p. 38). De modo que, se por um lado, Paulo cita



várias mulheres como protagonistas do cristianismo originário, por outro, em relação à apóstola Maria Madalena não diz nada.² “O desafio do Cristianismo hoje é de devolver à Maria Madalena e às mulheres, o seu lugar primordial nas origens cristãs” (Francisca Rosa da SILVA, 2008, p. 10). Esse desafio é urgente e atual. Pois,

Ao falar da tradição de Maria Madalena no Cristianismo Primitivo significa trazer ao século XXI uma reflexão sobre a presença da mulher na igreja, não somente como cooperadora e num papel secundário, mas assumindo o chamado e a responsabilidade de apóstola e discípula para proclamar o Reino de Deus. Esse foi o papel de Maria Madalena no Cristianismo Primitivo, que a Igreja tentou abafar (Ana dos SANTOS, 2007, p. 1).

Apesar de todas as adversidades enfrentadas pelas mulheres cristãs ao longo dos séculos, não se pode abafar o que é verdadeiro. Mesmo que muitos digam o contrário, o ouro sempre reluz. A história de Maria Madalena é uma dessas situações. Muito foi feito para silenciá-la, para que entrasse na história cristã apenas com um papel secundário. Todavia, não é possível negar a presença singular de Maria Madalena no momento fundante da fé cristã, a ressurreição de Jesus. É ela que vai primeiro ao túmulo de Jesus (juntamente com outras mulheres). Quem ama não abandona a pessoa amada. Seja diante da cruz ou do sepulcro, e Maria Madalena é essa presença amorosa. Assim como no livro “Cântico dos Cânticos”, a amada sai à procura do amado e, ao encontrá-lo, diz: “encontrei o amado da minha alma. Agarrei-o e não vou soltá-lo, até levá-lo à casa da minha mãe” (Ct 3,4), Maria Madalena vai ao sepulcro e é assim que descobre que Jesus está vivo, agarra-o (Jo 20,17; Mt 28,9). “A este gesto Jesus responde ao dizer a Maria: Solta-me, e acrescenta a razão: que ainda não subi com o Pai para ficar. ‘Com o Pai’ opõe-se à ‘casa da mãe’ do texto de Cânticos” (Juan MATEOS; Juan BARRETO, 1989, p. 824-825).

² Esse silêncio de Paulo com relação à Maria Madalena, de fato, existe. Entretanto, Paulo cita várias outras mulheres como enviadas para a missão (Rm 16,1-15). Logo não é possível afirmar (como Reimer 2013) que Paulo silenciou sobre esse tema por concorrência apostólica. É possível que Maria de Magdala não foi citada por ele por não fazer parte de seu convívio.



A atitude de Maria Madalena é atitude de quem ama, mas, sobretudo, de quem tem iniciativa, solicitude. Vai ao sepulcro de madrugada, quando ainda está escuro (Jo 20,1). Não é uma pessoa que fica esperando acontecer. É uma mulher de ação. “Se na Igreja primitiva Madalena não tivesse agido dessa forma, comunicando o que sabia, e se as pessoas não se tivessem ajudado umas às outras, o sepulcro teria ficado ali e ninguém teria ido até ele; teria sido inútil a ressurreição de Jesus” (Carlo Maria MARTINI, 1990, p. 109-110). De modo que foi decisiva a atitude de Maria de Magdala. Em Jo 20,11-18, “O tema da perícopa é o encontro de Jesus, vivo depois da morte, com Maria Madalena, que simboliza a comunidade como esposa. Na cena, apresenta-se no horto-jardim o novo casal que começa a nova humanidade” (Juan MATEOS; Juan BARRETO, 1989, p. 820). Maria Madalena foi a primeira pessoa a ver Jesus ressuscitado; foi a primeira a escutar e falar com o ressurreto. Foi a primeira enviada por Ele. Tem, portanto, a primazia apostólica. Tem, sobretudo, o primado do amor.

O NÚMERO 12 E A DIMENSÃO SIMBÓLICA DELE NO APOSTOLADO

Na literatura bíblica os números ocupam um lugar bastante relevante. Isso porque, além do valor matemático em si, alguns números na linguagem bíblica carregam também um valor simbólico. “para os judeus, eles não indicam apenas quantidades, mas também são portadores de mensagens” (Mauro ODORÍSSIO, 2002, p. 22). O 12, por exemplo, é “o número das divisões espaço temporais, resultantes dos quatro pontos cardeais confrontados com os três planos do mundo” (Isidoro MAZZAROLO, 2016, p. 215). Representa, portanto, a totalidade. Daí os 12 filhos de Jacó com as 12 tribos de Israel e, também, os 12 apóstolos. O número 12 aponta para uma nova humanidade. Os preconceitos de uma visão étnico-religiosa, segundo a tradição de Israel não têm mais importância. 12 significa abertura salvífica para toda a humanidade. Isso implica também que preconceitos de gênero não teriam mais sentido, afinal, a proposta salvadora de Jesus é para toda a humanidade, mulheres e homens. Vitória (2019), mesmo não abordando a questão do apostolado entre mulheres e homens, afirma a dimensão universal do envio apostólico como instrumento libertador para a humanidade toda.

O número doze dos Apóstolos evoca as doze tribos de Israel, de acor-



do com a simbologia numérica judaica. O leitor-ouvinte da catequese mateana dá-se conta de que, com o envio missionário, tem origem o Novo Israel. Constituído pela humanidade que se abre para o anúncio do Reino e se torna beneficiária de sua presença na história. A dimensão étnico-religiosa do Antigo Israel deixa de ter importância. Doravante, toda a humanidade poderá beneficiar-se da libertação operada pelo Reino de Deus, proclamado pelos missionários enviados por Jesus (Jaldemir VITÓRIO, 2019, p. 120).

Tendo o número 12 essa característica de universalidade e de nova humanidade, fica evidente que a missão pensada por Jesus terá como instrumentos apostólicos não apenas homens, mas homens e mulheres, apóstolos e apóstolas, como pode ser comprovado no envio de Maria Madalena (e outras mulheres). Inclusive, Lc 8,1-3 deixa claro que junto dos 12 estão três mulheres pareadas em missão semelhante. Portanto, a razão da escolha dos 12 homens ganha uma dimensão simbólica que aponta um novo axioma, a libertação de toda a humanidade. O número 12 não representa, pois, um privilégio masculino ou um número de valor absoluto, mas aponta para uma realidade muito mais ampla, a corresponsabilidade do anúncio de salvação universal. Esse fato se torna evidente quando Jesus ressurreto envia as mulheres como anunciadoras da ressurreição do Cristo. São as primeiras pessoas que viram e anunciaram que Jesus estava vivo. Foram as mulheres que tiveram a iniciativa de se reunirem e irem ao túmulo de Jesus. “É significativo que não são os poderosos ou a elite, nem os discípulos, que se reúnem [...]. As mulheres não são somente as primeiras ouvintes, receptoras da notícia da ressurreição, mas também são as primeiras a ver Jesus ressuscitado” (Warren CARTER, 2021, p. 672-673). Esse envio das mulheres (apóstolas) não foi uma delegação feita por um dos 12, mas pelo próprio Jesus ressuscitado. Ele as enviou, logo, são apóstolas por excelência, pois são as protagonistas daquilo que sustenta toda a fé cristã: a ressurreição de Jesus.

O PROTAGONISMO DAS MULHERES NAS COMUNIDADES CRISTÃS

Que a presença feminina nas comunidades cristãs é um fato evidente não se pode negar. Todavia, essa presença nem sempre foi valorizada



como deveria. Nas comunidades cristãs originárias, apesar do contexto patriarcal, é notória a presença e a liderança de muitas mulheres.

Assim como Lídia, Febe, Priscila, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Pérside, Júlia, Olimpas, e outras que muitas vezes aparecem como anônimas, ainda que dentro de relatos muito breves, mostram que a Igreja não foi constituída na sua base apenas pelos apóstolos. Houve mulheres que se destacaram e trabalharam laboriosamente pelo acolhimento e anúncio do evangelho de Jesus Cristo, testemunhando-o com suas vidas (José Luiz TEIXEIRA, 2010, p. 62).

Essa liderança feminina no cristianismo primitivo é uma riqueza e uma constatação evidente. Entretanto, já não era fácil o trabalho evangelizador dessas pioneiras. “No mundo judaico, assim como em todo o Oriente Médio, a estrutura social era patriarcal e na região do Mediterrâneo por volta do primeiro século a.C. até o início do segundo século quase nada havia mudado” (Maria da Conceição de SOUSA, 2012, p. 29). Entretanto, no mundo greco-romano do primeiro século, as mulheres tinham certas autonomias que não eram possíveis no mundo judaico. De modo que, “a atuação das mulheres, nos primeiros tempos do cristianismo, ocorreu em várias frentes, de modo que é possível encontrar vários testemunhos de suas atuações lado a lado com os homens” (Marcelo OSAVA, 2021, p. 618).) Isso revela a capacidade dessas mulheres não só como protagonistas, mas também como superadoras de barreiras e tabus patriarcais. De modo que o protagonismo feminino no cristianismo é de um lado uma realidade, mas, ao mesmo tempo, um desafio desde as origens. Contudo, o não reconhecimento da importância desse protagonismo exercido por mulheres no cristianismo não pode ser justificado com textos bíblicos. É preciso questionar “se a ideia negativa da mulher é de fato inerente ao texto ou consequência de uma interpretação pré-condicionada” (Lídice RIBEIRO, 2020, p. 70). A interpretação pré-condicionada é a resposta, pois, nas relações entre Jesus e as mulheres não se encontra nenhum fato que justifique uma visão negativa sobre a dignidade da mulher. Pelo contrário, o protagonismo feminino salta aos olhos.



Dentre inúmeros textos em que mulheres protagonizam algum fato junto a Jesus, pode-se mencionar: a) João 2.1-12, onde a mulher-mãe incita à resolução de um problema, provocando Jesus ao início de seu ministério público; b) João 4.4-42, a uma mulher samaritana, não-judáia, Jesus se revela como messias; c) em Lucas 10.38-42, mulheres recebem Jesus em sua casa e se colocam em atitude de discípulas a seus pés; d) em João 8.1-11, uma mulher tida como adúltera questiona junto a Jesus o paradigma da penalização da “Lei de Moisés” [...]; em João 19.25-27, são nominadas mulheres que presenciaram a crucificação e morte de Jesus – a mãe de Jesus e sua irmã, Maria, esposa de Clopas e Maria Madalena; i) em João 20.1-18, Jesus se revela como ressurreto primeiramente a uma mulher – Maria Madalena – e lhe ordena que anuncie aos demais discípulos. Enfim, há muitos outros textos nos Evangelhos que abordam a relação entre mulheres e Jesus, sendo que em nenhum momento há questionamento acerca da capacidade, da dignidade ou de limitações de alguma mulher para a atuação e engajamento na proposta evocada por Jesus (Claudir BURMANN, 2017, p. 67-68).

Contudo, existe um longo caminho a ser feito para que o protagonismo feminino, dentro do cristianismo, ocupe o lugar que lhe é devido. Mas é animador perceber que

O grande silêncio que caiu sobre Maria Madalena depois da ressurreição, a confusão em torno de sua verdadeira identidade, as inúmeras interpretações a respeito da sua vida ao longo da história da Igreja e para além dela, não foram suficientes para desautorizá-la como discípula que amou a Cristo e que foi amada por Ele, figura iluminada pela Páscoa, apóstola dos apóstolos (Reginaldo VELOSO; Penha CARPANEDO, 2021, p. 12).

O silêncio não conseguiu desautorizar a apóstola Maria Madalena, graças ao protagonismo de tantas outras mulheres que também viveriam, e vivenciam, dentro das mais variadas comunidades cristãs, o protagonismo de discípulas missionárias e apóstolas de Jesus. Oxalá que a iniciativa do papa Francisco, promulgada em 2016, de elevar a memória litúrgica de Maria Madalena à festa, como dos apóstolos, seja um passo profético nesse sentido. É verdade que não basta mudar calendários litúrgicos. As mudanças deverão acontecer nas mentes e nos corações. Todavia, não deixa de ser um gesto de esperança.



Penso que a festa de Maria Madalena promovida pelo Papa Francisco constitui um passo importante e irreversível na definição do papel das mulheres na Igreja. Desta forma, o papa estabelece irrevogavelmente a igualdade no espírito e na missão de mulheres e homens na vida da Igreja (Lucetta SCARAFFIA, 2016, p. 86).

Além do mais, tal reconhecimento sinaliza que as sementes do evangelho lançadas por tantas mulheres cristãs, muitas vezes regadas com suor e sangue, não foram perdidas, estavam apenas profeticamente aguardando para germinar no tempo de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advento de Jesus de Nazaré representou uma revolução nas relações vigentes dentro do judaísmo. Embora Jesus tenha afirmado que não veio para abolir a lei, a proposta interpretativa d’Ele das escrituras causaria uma profunda transformação nas relações com o sagrado e, conseqüentemente entre as pessoas. Uma dessas transformações aconteceu no modo que Jesus interagia com as mulheres do tempo d’Ele. Para Jesus, as mulheres mereciam o mesmo tratamento respeitoso dado a qualquer outra pessoa. E mais: o ensinamento de Jesus desmascarou a hipocrisia legal em relação às mulheres. Além disso, é muito claro nos evangelhos (e, também, nas cartas paulinas) a participação das mulheres nos principais eventos que são narrados. Na genealogia de Mateus, as mulheres são mencionadas como protagonistas; em João, a Mãe de Jesus é citada no primeiro sinal, de maneira efetiva e decisiva; nas cartas paulinas, várias mulheres são também citadas como discípulas, diaconas e apóstolas; todos os evangelhos falam da participação das mulheres de modo efetivo nas atividades de Jesus. Contudo, Maria Madalena recebeu a incumbência ímpar: a primeira encarregada de anunciar a ressurreição de Jesus, inclusive, para os outros apóstolos. Nesse sentido, pode-se considerar que Maria Madalena foi a apóstola enviada aos apóstolos. Tem razão, portanto, Hipólito que a nomeou “apóstola dos apóstolos” (Francisca Rosa da SILVA, 2008, p. 83).

Este artigo abordou o sentido da palavra “apóstolo” no cristianismo originário e as respectivas conseqüências para os dias atuais. Procurou-se tirar a pesada cortina institucional que foi agregada a essa palavra.



Buscou-se também demonstrar que o envio apostólico no cristianismo originário era desempenhado por mulheres e homens. Examinou-se, ainda, o significado desse termo “apóstolo” que, em si, é um serviço e não um privilégio gerador de *status*. Quando isso é entendido, o apóstolado se transforma em serviço amoroso, como fez Maria Madalena, a “apóstola do amor”.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Gilvan Leite. Maria Madalena. **Cultura Teológica**, São Paulo, ano XXVII, n. 93, p. 84-107, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i93.42656/pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- BÜHNER, Jan-Adolf. ἀπόστολος. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. **Dizionario Esetico del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia Editrice, 2004. p. 379-388.
- BURMANN, Claudir. Protagonismo feminino, igreja e mulheres no ministério da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: a propósito dos 500 anos da Reforma. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 65-82, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>. Acesso em: 22 out. 2021.
- CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus**. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2021.
- FERREIRA, Joel Antônio. **Mês da Bíblia**. Carta aos Gálatas. “Pois todos vós sois UM só em Cristo Jesus” (Gl 3,28d). Brasília: CNBB, 2021.
- HOORNAERT, Eduardo. Ecofeminismo e imaginário cristão. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, v. 20, n. 20, p. 45-58, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/5166>. Acesso em: 22 out. 2021.
- MARTINI, Carlo Maria. **O Evangelho Segundo João**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990.
- MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**. Análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MAZZAROLO, Isidoro. **O Apocalipse**. Esoterismo, profecia ou resistência? 4. ed. Rio de Janeiro: Isidoro Mazzarolo, 2016.
- MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1984. p. 62-64.
- MERCIER, Jacques. Apóstolo. In: BOGAERT, P.-M. et al. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Paulus; Paulinas; Loyola; Santo André: Academia Cristã, 2013. p. 150-151.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 113.
- MÜLLER, Dietrich. Apóstolo. In: COENEN, L; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 156-158.



NOLLI, Gianfranco. **Evangelho Segundo Giovanni**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1986.

ODORÍSSIO, Mauro. **Apocalipse**. Texto e comentário leitura facilitada. São Paulo: Ave-Maria, 2002.

OSAVA, Marcelo Massao. A atuação das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo: A fé operante pela caridade. **Annales Faje**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 613-619, 2021. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/anales/article/view/4879>. Acesso em: 28 out. 2022.

QUIRINO, Ademilson Tadeu. **Teologia da escuta**. Palavra e rito na experiência litúrgico-cristã. 2022. 387f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RADL, Walter. πορεύομαι. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. **Dizionario Esegético del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia Editrice, 2004. p. 1059-1061.

REIMER, Ivoni Richter. O poder sob a égide do sagrado: manutenção do domínio religioso e normatização pela crença. [Entrevista concedida a] João Vitor Santos. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, São Leopoldo, n. 489, p. 35-39, 18 jul. 2016. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao489.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2021.

REIMER, Ivoni Richter. **Maria, Jesus e Paulo com as mulheres**: textos, interpretações e história. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2013.

RENGSTORF, Karl Heinrich. ἀποστέλλω. In: KITTEL, G; FRIEDRICH, G. **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. vol. 1. Brescia: Paideia, 1965. p. 1063-1196.

RIBEIRO, Lídice Meyer Pinto. O papel das mulheres na bíblia: protagonistas ou coadjuvantes? **Ad Aeternum**, Porto, v. 1, n. 0, p. 68-85, 2020. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/adaeternum/article/view/7348/4368>. Acesso em: 08 nov. 2021.

SANTOS, Ana Pinheiro dos. Maria Madalena no Cristianismo Primitivo. **Revista Anagrama**, São Paulo, ano 1, ed. 1, p. 1-18, set./nov. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35289/38009>. Acesso em: 02 dez. 2022.

SCARAFFIA, Lucetta. A apóstola da dedicação e do amor integral. [Entrevista concedida a] João Vitor Santos. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, São Leopoldo, n. 489, p. 85-87, 18 jul. 2016. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao489.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2021.

SILVA, Francisca Rosa da. **Maria Madalena e as mulheres no cristianismo primitivo**. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

SOUSA, Maria da Conceição Fernandes Evangelista de. **O papel da mulher no cristianismo primitivo: uma leitura do quarto evangelho**. 2012. 69f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.



TEIXEIRA, José Luiz Sauer. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 18, n. 72, p. 55-63, out./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15374/11482>. Acesso em: 4 nov. 2021.

VELOSO, Reginaldo.; CARPANEDO, Penha. A festa de Maria Madalena a propósito do formulário litúrgico. **Revista de Liturgia**, São Paulo, ano 48, n. 286, p. 9-12, jul./ago. 2021. Disponível em: <https://revistadeliturgia.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Artigo-da-Revista-de-Liturgia-286-A-Festa-de-Maria-Madalena.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2021.

VITÓRIO, Jaldemir. **Lendo o Evangelho Segundo Mateus**. O caminho do discipulado do Reino. São Paulo: Paulus, 2019.

WALLS, A. F. Apóstolo. In: DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 67-70.

Submetido em: 22-9-2022

Aceito em: 28-11-2022